

3 da propaganda abolicionista

... situação ao decretar-se a lei de 28 de Setembro de 1871 — A campanha libertadora de 1884 a 1888.

... da nossa agricultura, Campinas constituía, há cincoenta annos atrás, o maior foco do escravismo no Brasil. Organizara-se ahí, desde os incipios do século decimo-nono, a grande lavoura de café, baseada no regimen servil. Por volta de 1870, preponderavam os pretos numa população de 31.000 habitantes, cuja metade formava a escravatura. Era uma cidade de africanos administrada por senhores ruraes, dominando pela violencia, pelo terror gente inculta e barbara.

Nos derradeiros mezes de 1871 abalava a cidade o tremendo boato de que estava para rebentar uma insurreição de escravos com intuitos sinistros. No dia de Anno Dom as autoridades e os senhores seriam presos, se não trucidados, por bandos de pretos armados. A tenebrosa conspiração foi a tempo denunciada e o delegado de policia, capitão Joaquim Quirino dos Santos, tomou logo energicas providencias. Presos alguns escravos apontados como cabeças, gorou o pavoroso "São Bartholomeu negro", de que ainda se recordam os velhos campineiros.

Narrando o caso em seu relatório de 1871, informa o chefe de policia dr. Sebastião Pereira que a insurreição devia alastrar-se por varios pontos da provincia. Em Espirito Santo do Pinhal, São Simão, Indaikatuba, Jundiaby, Pindamonhangaba, etc., estavam combinadas identicas revoltas de escravos. Quem engendrara esse plano diabólico, do qual certamente resultaria sanguieira enorme? Nas averiguações feitas apparece um tal Vespasiano Rodrigues dos Santos como incitador da profetizada insurreição. Encarregado de transportar munigiões de guerra do Rio para Mato Grosso, por conta do governo, esse individuo viera desde as margens do Parahyba até o interior paulista com a sua carga de artigos bellicos, rumo a Uberaba; e em cada localidade do caminho aliava elementos locais para o movimento anti-escravista, que elle ajudaria com os artefactos militares destinados á guarnição daquella provincia vizinha.

Descoberto o conluio sedicioso, Vespasiano evadiu-se, abandonando cargueiros de munigiões em varios municípios. Para arredar as designações então o go-

verno provincial o capitão Gonçalves Pimenta, conhecido veterano do Paraguay e ajudante de ordens da presidencia.

*

Não explica o relatório do chefe de policia por incumbencia a quem agia Vespasiano Rodrigues dos Santos nessas combinações sediciosas. E' evidente, porém, que este estava de concerto com abolicionistas do Rio e talvez de S. Paulo. Ninguam mais, senão elles, podia ter interesse em promover uma rebelião de tal genero para extinguir de prompto a nefanda instituição, contra a qual já clamava debalde José Bonifacio nos albores da Independencia.

Supponho não fosse Luiz Gama estranho a manejos taes contra o escravismo. Maçon, fizera elle, com Antonio Carlos e Américo de Campos, um formidavel quarteto do abolicionismo na Loja America, fundada em 1869.

Figura tambem neste anno o Ruy Barbosa, Eloy Ottoni e outros o "O Radical Paulista", folha que adoptára o programma radical e abolicionista do "Opinião Liberal", dirigida no Rio por Limpo de Abreu e F. Rangel Pestana. E tanto o denodado batalhador incommoava ao governo conservador, agindo por diversas formas, que foi demittido de amanuense da policia pouco depois daquelles acontecimentos por "indisciplinado".

certo é que intensa propaganda abolicionista repercutia em todo o paiz, de Norte a Sul. A lei de 28 de Setembro de 1871, declarando livres os filhos de mães escravas, erando um fundo de libertação, collocou em fôco o problema da redempção dos captivos. Abolicionistas e escravocratas degladiavam-se no parlamento e na imprensa em furiosas pugnas. Embora amortecida, a fôco de suas ruidosas contendas chegava ás senzalas sombrias, onde penetrava medrosamente a luz da esperança...

Sanccionada pela princeza Isabel na ausencia do Imperador, a lei do "ventre livre" foi proposta pelo gabinete de 7 de Março de 1871. Presidido pelo visconde do Rio Branco. Na discussão do projecto anarchisaram-se os varios partidos monarchicos, que, pelo mesmo motivo, chegariam

á completa dissolução depois de 1893. Orientando a maioria conservadora, os ministros Theodoro Machado e João Alfredo prestaram effezaz e brilhante concurso a seu illustre chefe. A elles se oppuzeram os conservadores da famosa "Junta do Coice", com o conselheiro Paulino de Souza a frente, secundados pelos liberaes Martinho de Campos, Pedro Luiz Pereira de Souza, Sinimbu' e Souza Carvalho.

Pouco antes desses acontecimentos, em Janeiro de 1870, outro facto de forte repercussão impressionava vivamente o espirito publico em Campinas. Rangel Pestana, que estava na cidade, ao casar-se nesse mez, repetiu um acto generoso que já praticára, ao receber escravos de herança paterna: concedeu cartas de alforria áquelles que sua noiva herdára do pae, major Quirino dos Santos, proprietario agricola no municipio. Queria, de tal arte, por suas accões de accordo com suas idéas abolicionistas, expostas desde estudante, em 1861, no "O Tymbira", e depois, em 1866, na "Opinião Liberal".

Alarmaram-se os fazendeiros com esse procedimento do jornalista radical, receiosos de que produzisse consequencias como ataque directo ao trabalho servil. Um dolles, mais retrogrado e intolerante, exprimia sua indignação ameaçando: "esse homem perigoso deve ser enforcado num lampeio de esquila, como exemplo aos que pretenderem imital-o".

*

O ministerio Souza Dantas, constituido a 6 de Junho de 1884, propondo a libertação dos sexagenarios, incrementou de novo a propaganda abolicionista. Teve, porém, vida ephemera esse gabinete liberal, que em 1885 cedeu o poder aos conservadores do barão de Cotegipe, adepto do escravismo.

A causa da Abolição defendida na imprensa por Quintino Bocayuva, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Joaquim Serra e outros jornalistas de prestigio, continuava sua marcha victoriosa. As resistências começavam a fôrça, hoje um, amanhá outro, iam cahindo os obstaculos. Várias provincias — Amazonas, Pará,

Ceará, etc. — conseguiram extinguir a "mancha negra". Apenas na região central — Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo — a escravidão se acastellava nos reductos do café.

Favorecida a imigração europeia, graças aos esforços do visconde de Parnahyba, Antonio Prado e Martinho Prado Junior, os fazendeiros paulistas principiaram a libertar em massa os escravizados. Só num dia, em Dezembro de 1887, as famílias Ferreira e Camargo, de Campinas, declararam livres 1.600 pretos. E no citado anno, Martin Francisco Filho, atacando a Monarchia indifferente ao nobre movimento, podia escrever na "Provincia de S. Paulo": — "em 18 mezes completára a provincia a emancipação de 100 mil escravos, valendo cerca de 50 mil contos."

Sucessor de Luiz Gama na chefia dos abolicionistas praticos, Antonio Bento de Souza e Castro não limitava sua actividade aos arrigos violentos da "Redempção". Organizava, com seus "caiphazes", ousados planos de revolta contra os fazendeiros recalcitrantes. Era Moysés do exodo negro, guilão para os celebres quilombos do Cubatão.

A torrente da raça negra despeenhava-se do interior para o mar. Só uma barreira de soldadinhos podia contela. Mas a questão militar fervia: as baionetas ameaçam o ministerio Cotegipe. Os abolicionistas conseguem esculzilas e collocam-as ao serviço da Libertação.

A 26 de Outubro de 1887 os jornaes de Rio publicam a memoravel petição que Ruy Barbosa escreveu e os generaes visconde de Pelotas e Doadoro da Fonseca dirigiram á princeza regente, solicitando, em nome do Club Militar, não fossem mais os soldados do Exercito empregados como "capitães de matto". O golpe foi certeiro e decisivo. Resistir por mais tempo importava em provocar uma edição de milhares, abolicionistas e republicanos, aliados. Apavorada a Monarchia comprehendeu o perigo: chamou ao poder o gabinete João Alfredo para elaborar ás pressas a aurea lei de 12 de Maio de 1888.

P. P.

